



processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VIGOTSKI, 2007, p. 103).

Uma das ideias importantes de ser levada em conta ao planejar e realizar as atividades de ensino em sala de aula, é a de que a criança se encontra em permanentes processos de interação com os outros, desde quando nasce, vivenciando sistemáticos processos de internalização da cultura partilhada no meio em que vive. Vigotski (2001) explicita entendimentos que contribuem, sobretudo, com o processo de desenvolvimento intelectual da criança, com foco nos processos de evolução das crianças para novos estágios de desenvolvimento psíquico, enfatizando a relevância de avançar na compreensão do problema da multifuncionalidade implicada no desenvolvimento, direcionando a atenção, particularmente, para o problema da relação interfuncional entre o pensamento e a linguagem.

O movimento real do processo de desenvolvimento do pensamento infantil não se realiza do individual para o socializado, mas do social para o individual. É esse o resultado fundamental do estudo tanto teórico quanto experimental do problema. (VIGOTSKI, 2001, p.67).

Esse é um contraponto relevante, ao enfatizar que, ao aprender, a criança internaliza as produções socioculturais partilhadas em seu meio, de forma dialeticamente transformadora, ou seja, de forma não direta nem linear, tornando-se pessoa historicamente situada em seu mundo, desde o seu nascer. Trata-se de um problema e de uma realidade complexa, em que não cabe a noção de homogeneidade, mas sim, de heterogeneidade, pois nada se repete e nada se finaliza, sempre há algo a mais e algo diferente para aprender, em cada situação interativa da criança com os outros, que falam, usam e nominam objetos, seres e situações sem fim. Nelas, cada aprendizado é sempre um caminho para novas descobertas, que nunca chegam ao fim.

Isso modifica o entendimento tradicional, que ainda prevalece, na visão de que, “no momento em que uma criança assimila o significado de uma palavra, ou domina uma operação tal como a adição ou a linguagem escrita, seus processos de desenvolvimento estão basicamente completos. Na verdade, naquele momento eles apenas começaram”, diz Vigotski (2007, p. 103). E isso tem implicações, também, nos entendimentos e nos modos de



organização dos processos de avaliação dos aprendizados das crianças em sala de aula, na relação com seus processos de desenvolvimento.

O autor contribui na compreensão sobre a “unidade, mas não a identidade entre os processos de aprendizado e os processos de desenvolvimento interno”, que supõe complexos movimentos de transformação, em que um é convertido no outro. Enfatiza a necessidade de prestar atenção em busca de entender o modo como se processa a internalização do conhecimento externo e das capacidades nas crianças (2007, p. 104). Isso supõe entender “as relações internas dos processos intelectuais despertados pelo aprendizado escolar”. Entender e levar em conta a complexidade da “rede interna e subterrânea de desenvolvimento de escolares é uma tarefa de importância primordial”, aponta o autor, em contraposição a visões segundo a psicologia e a pedagogia que tradicionalmente vêm sendo influentes na área da educação.

Embora o aprendizado esteja diretamente relacionado ao curso do desenvolvimento da criança, os dois nunca são realizados em igual medida ou em paralelo. O desenvolvimento nas crianças nunca acompanha o aprendizado escolar da mesma maneira como uma sombra acompanha o objeto que o projeta. Na realidade, existem relações dinâmicas altamente complexas entre os processos de desenvolvimento e de aprendizado, as quais não podem ser englobadas por uma formulação hipotética imutável. Cada assunto tratado na escola tem a sua própria relação específica com o curso do desenvolvimento da criança, relação essa que varia à medida que a criança vai de um estágio para o outro. (VIGOTSKI, 2007, p. 104).

Em defesa da ideia de que o aprendizado e o desenvolvimento são processos inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança, o autor destaca (2007, p. 105), que o problema dessa relação “não pode ser solucionado usando-se uma fórmula qualquer”, sendo importante levar em conta a complexidade dos processos tanto de linguagem como de pensamento, ao tempo em que a função da linguagem, iniciando pela dimensão comunicativa, designativa, nominativa, evolui para uma função outra, assumindo a dimensão intelectual, constitutiva da mente humana, do pensamento humano.

A aquisição da linguagem pode ser um paradigma para o problema da relação entre aprendizado e desenvolvimento. A linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente. Somente depois quando da conversão em fala interior, ela vem a organizar o pensamento da criança, ou seja, torna-se uma função mental interna. (VIGOTSKI, 2007, p. 105).

Outrossim, como aponta o autor, “da mesma maneira que as interações entre a criança e as pessoas no seu ambiente desenvolvem a fala interior e o pensamento reflexivo, essas interações propiciam o desenvolvimento do comportamento voluntário da criança” (p. 102),



funções psicológicas, por meio da interiorização com uso adequado de signos e instrumentos culturalmente partilhados no entorno social (VIGOTSKI, 2008). A linguagem verbal passa a ser desenvolvida ao tempo em que a criança passa a se manifestar e se comunicar com os outros em seu cotidiano. É na interação com o outro que acontece a comunicação com entrecruzamento entre pensamento e palavra, elevando significados ocultos a novos níveis de evolução, pela compreensão e ação no mundo, nas interações com os outros.

Por ser um processo relevante na vida estudantil, o ciclo da alfabetização requer um olhar cauteloso pelos intermediários desse processo (professores, pais), pois a criança necessita atenção e acompanhamento com ajudas zelosas, para que consiga aprender de forma que potencialize seu processo de desenvolvimento humano/social.

Todas as experiências e interações que a criança vive constituem sua aprendizagem e seu desenvolvimento, o que faz refletir sobre o conceito de internalização. De acordo com Vigotski (2008), o indivíduo se adapta às condições sociais de existência típicas ao seu meio, ao passar a fazer uso de ferramentas externas para se constituir. Ou seja, é no ambiente social que a pessoa se constitui, ao desenvolver sua personalidade como pessoa social, histórica e culturalmente situada no mundo.

Isso tudo implica no entendimento da relação entre aprendizado e desenvolvimento, como duas linhas que não coincidem. É dando passos em seu processo de aprendizado que a criança dá passos cada vez maiores em seu processo de desenvolvimento, sendo essencial a mediação do professor por meio de signos e instrumentos, de acordo com as zonas de desenvolvimento. Vigotski (2007) explicita dois níveis de desenvolvimento da criança: (i) o nível de desenvolvimento real, que se refere a tudo aquilo que a criança já aprendeu e consegue realizar sozinha e (ii) o nível de desenvolvimento potencial, que se refere à capacidade que está emergindo na criança, as tarefas que a criança só consegue realizar com a assistência do adulto, por meio da interação em proximidade. O autor ajuda a compreender que há certa distância, ou zona, entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial, a qual ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal. Como ele diz, a ZDP:

[...] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKI, 2007, p. 97).



Segundo o autor, o nível de desenvolvimento real de uma criança define as funções que já amadureceram, os produtos finais do desenvolvimento, a partir do que ela já aprendeu, ou seja, trata-se da dimensão retrospectiva do desenvolvimento, diferentemente da ZDP.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (VIGOTSKI, 2007, p. 98) grifos do autor.

O autor pontua (2007, p. 94) que na ZDP há determinadas funções mentais que ainda se encontram em processo de formação, ou seja, estão ainda em um estado “embrionário”, que correspondem ao próximo nível de desenvolvimento real. É neste movimento que Vigotski propõe aos professores agirem na ZDP, fazendo a mediação dos conceitos como signos externos à criança. De acordo com o autor, esse entendimento provê aos educadores:

[...] um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. (VIGOTSKI, 2007, p. 98).

A interação é a base para o processo de avaliação na perspectiva histórico-cultural, podendo-se entender que o mapeamento da zona de desenvolvimento proximal é instrumento fundamental para se chegar aos resultados de uma avaliação.

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com os seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (reviravolta em toda a estrutura interna). (VIGOTSKI, 2007, p.102).

O autor alerta que, para determinar o estado de desenvolvimento mental de uma criança, é necessário reconhecer os seus dois níveis, o real e o potencial, não apenas o nível real. Tece críticas aos testes-padrão tantas vezes usados nas avaliações do aprendizado e do desenvolvimento.

Acreditava-se há algum tempo, que, pelo uso de testes, poderíamos determinar o nível de desenvolvimento mental no qual o processo educacional deveria se basear e cujos limites não deveriam ser ultrapassados. Esse procedimento orientava o aprendizado em direção ao desenvolvimento de ontem, em direção aos estágios de desenvolvimento já completados. (VIGOTSKI, 2007, p.10).

SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2024



Biomass do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais

De 23 a 27 de setembro de 2024.

XXXII Seminário de Iniciação Científica
XXIX Jornada de Pesquisa
XXV Jornada de Extensão
XIV Seminário de Inovação e Tecnologia
X Mostra de Iniciação Científica Júnior
II Seminário Acadêmico da Graduação UNIJUÍ

